

**O (DES)ENCANTAMENTO DO FEITICEIRO:
EDISON CARNEIRO E SUA CONTRIBUIÇÃO
AOS ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS**

ROSSI, Gustavo. *O intelectual feiticeiro: Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2015. 280 p

O campo de estudos das relações raciais no Brasil tem recebido profícuas contribuições de uma nova geração de pesquisadores, que vem trabalhando em fontes documentais inéditas ou revisitando arquivos já investigados que nos permitem conhecer melhor os meandros da construção deste campo. Esses estudos têm contribuído, ainda, para desmitificar determinadas visões consolidadas sobre a questão racial, trazer à luz novos atores e autores do debate sobre raça no Brasil e recolocar a importância de determinadas contribuições. Este é o caso do livro de Gustavo Rossi sobre Edison Carneiro.

O livro revisita o campo das relações raciais na década de 1930 e faz jus à trajetória de um intelectual atípico. Creio que o termo “intelectual feiticeiro”, cunhado por Rossi a partir de um texto de Jorge Amado sobre Carneiro, pode ser interpretado tanto pela sua incursão etnográfica às religiões afro-brasileiras, como também por suas múltiplas facetas: historiador, etnógrafo, jornalista e

folclorista. Edison Carneiro enfrentou os desafios de uma carreira marcada por estas diferentes atividades, fazendo uma interface entre cultura, política e academia que culminou com sua inserção no mundo das religiões afro-brasileiras. Resultante da tese de doutorado de Rossi premiada pela Capes, o livro faz uma análise primorosa da vida e da obra de Edison Carneiro na Bahia.

Dividido em três capítulos, trata da origem familiar de Edison e dos percalços da família Souza Carneiro, dos seus primeiros ensaios de elaboração intelectual no âmbito da Academia dos Rebeldes, de sua experiência política e, por fim, da construção de sua trajetória como etnógrafo da cultura e da religião afro-brasileiras na Bahia. Essas três etapas, que se sucedem no tempo, permitem ao leitor entender a origem das narrativas e o processo de construção do pensamento de Edison Carneiro.

A questão dos contextos é o aspecto mais primoroso deste livro. Gustavo Rossi nos fornece uma vi-

são muito cuidadosa e precisa sobre eles e sua relação com a formação do etnógrafo baiano. A mudança deste para o Rio de Janeiro é o momento em que Rossi encerra a discussão. Portanto, o estudo trata do autor no ambiente baiano, o que traz algumas especificidades para o entendimento de sua trajetória. A principal delas diz respeito a seu pertencimento à chamada elite de cor baiana.

No decorrer do livro percebemos como os cenários sociais e políticos expressam “processos e condicionantes mais abrangentes do modelamento da atividade intelectual no Brasil” (p. 29), uma qualidade metodológica da pesquisa. Pena que o livro careça de uma descrição mais detalhada do desenvolvimento da pesquisa, o que, pelo êxito da análise, poderia servir de guia para estudos similares.

Embora Rossi se filie à tradição antropológica, é impossível lê-lo sem considerar referências mais clássicas dos estudos de trajetórias e histórias de vida. Pierre Bourdieu chama atenção para a importância dos contextos na compreensão das trajetórias dos indivíduos. Embora o autor proponha outra técnica de análise, creio que se encaixa de forma adequada aos esforços analíticos de Rossi:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação

a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.¹

Assim Gustavo Rossi conduz sua investigação sobre a trajetória de Edison Carneiro: costurando sua obra com uma trama de relações sociais, oportunidades, desapontamentos pessoais que ampliam a percepção do contexto dos estudos raciais da época. A abordagem da inconstância da trajetória de Edison Carneiro é um aspecto bem elaborado, que valoriza tanto a análise de sua vida e obra como qualifica o percurso interpretativo do livro. Se por um lado os contextos mais amplos contribuem para a configuração das trajetórias individuais, alguns marcadores sociais são decisivos para a identificação de um campo de possibilidades. Os conceitos de raça e classe operam como aspectos cruciais na trajetória de Carneiro. A abordagem do livro, aliás, introduz um ponto ausente na perspectiva bourdieusiana: as escolhas e atalhos na construção das trajetórias. Enfim, Rossi traça uma trama de fatos históricos, políticos, intelectuais e pessoais que nos conduzem à descoberta de um Edison Carneiro ainda ausente.

¹ Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”, in Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado (orgs.) *Usos e abusos da história oral* (Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998), pp. 189-90.

Dada a riqueza do trabalho, seleciono alguns aspectos marcantes deste livro que dialogam com questões extremamente contemporâneas do cenário das relações e das desigualdades raciais no Brasil.

I. *A identidade racial: negociação, diluição e tensão*. Como sabemos, um autor e sua obra devem ser lidos à luz de seu tempo. Não podemos cobrar interpretações fora do contexto histórico em que a obra foi produzida. O mesmo serve para o debate sobre a construção de uma identidade racial: ela também se dá à luz de um contexto.

Este tema abre o livro de Rossi, ao apontar a confluência entre raça e classe na trajetória de Carneiro. O interessante dessa abordagem é que ela poderia ser lida como um processo de formação das relações raciais brasileiras atuais. A marca social da raça e seu peso na configuração das oportunidades de ascensão são aspectos constitutivos da sociedade brasileira e já se faziam presentes desde o início do século XX.

Rossi demonstra, no primeiro capítulo, como a condição racial no Brasil já era fortemente imbricada com a posição social, característica marcante do período imediatamente posterior à abolição. A negritude de Edison Carneiro foi construída nas fronteiras da mestiçagem baiana: era passível de ser capitalizada, ao mesmo tempo em que poderia dificultar sua admissão no *establishment* branco. Sua negritude não foi um *handicap* nem um trunfo, foi negociada e situacional. A ambiguidade

do intelectual feiticeiro começa na construção de sua identidade racial e se prolonga por toda sua trajetória. Mas a pergunta que paira é: quem poderia negociar sua própria condição racial?

Um primeiro aspecto para responder essa questão é a ideia de capital social e sua importância na construção das oportunidades disponíveis por pertencer à família Souza Carneiro, fator recorrente nas trajetórias de ascensão de famílias negras e mestiças nas primeiras décadas do século XX. Filho de um engenheiro e professor da Escola Politécnica, Edison teve um ambiente de socialização atípico para famílias de cor da época, característica que marca também a vida de seu pai, nascido em 1881, que teve acesso a bens e recursos sociais e educacionais. Mas conexões externas à família foram também cruciais. Como destaca Rossi, os Souza Carneiro,

a despeito das reconhecidas competências ou das efetivas condições financeiras para custear os estudos, as boas relações, proteções ou filiações pareciam ser decisivas para que tais aspirações não fossem bloqueadas. (p. 49)

A construção racial ambígua se expressa quando da morte do pai de Edison Carneiro, cujo registro de óbito o tem como uma pessoa branca. Novamente a marca social da cor ganha forma. Segundo Rossi, classificá-lo como branco era uma forma de reconhecer seu *status* social, pois dificilmente Souza Carneiro

fora visto como branco na sociedade baiana em que viveu. Ao tratar deste tema, Rossi aponta um aspecto muito interessante. Em algumas situações sociais, no início do século XX baiano, não haveria negociação ou ambiguidade em torno da raça: os trabalhadores braçais e os adeptos de práticas da “cultura africana.” Seria o estudo das religiões afro-brasileiras o caminho escolhido por Edison para se aproximar de um “espaço negro” sem ambiguidades?

Em síntese, Carneiro descende de uma família que teve acesso à educação e a uma rede de relações sociais decisivas para que pudesse fazer escolhas e negociar sua identidade racial. Embora Rossi destaque uma certa instabilidade econômica da família, o ambiente em que Carneiro cresceu seria fundamental para sua trajetória. Os capitais cultural e social possibilitaram sua inserção no mundo literário, político e, posteriormente, acadêmico. Prova disso é que, aos dezesseis anos, ele já começou a publicar poesias nos jornais e periódicos literários de Salvador.

II. *Entre a origem familiar e os estudos afro-brasileiros: o ambiente literário.* O segundo capítulo do livro de Rossi, “A academia dos rebeldes: modernidade e modernismo vistos da província”, faz uma ponte entre a história familiar de Edison Carneiro e a sua consolidação no campo dos estudos afro-brasileiros. A narrativa proposta pelo autor aborda dois aspectos: o movimento literário e estético de que Carneiro fez parte e suas primeiras aproxima-

ções com a militância política e a temática racial. Novamente, os contextos e escolhas se complementam para dar singularidade à trajetória do etnógrafo.

O capítulo amplia o escopo biográfico, traçando a trajetória de outros membros da Academia dos Rebeldes — Osvaldo Dias da Costa, Jorge Amado — e analisa as revistas *Meridiano* e *O Momento*. Com essas duas abordagens, Rossi propicia ao leitor uma visão das questões suscitadas pelo momento político e como este penetrou as dimensões literárias e estéticas para pensar o espaço social e cultural no qual Carneiro cumpriu parte de seu aprendizado intelectual.

Segundo Rossi, o discurso sobre o moderno foi crucial para a Academia dos Rebeldes, definida por Jorge Amado como “um conjunto de jovens mordidos pelo micróbio da literatura.” (p. 100) Seus textos delirantes e fantasiosos, nas palavras de Rossi, foram construídos num momento de decadência política da sociedade baiana, tema presente nos escritos de todos os membros do grupo. O moderno, da perspectiva da província, tratava de questões relacionadas ao dinamismo das cidades e seus impasses. Trata-se de inserir Carneiro e sua trajetória num movimento sem grandes proporções, que sintetizava o espírito da época. O interessante é pensar o caminho percorrido por essa produção inicial de Carneiro até o tema das religiões afro, tidas então como primitivas, chamadas de seitas. Tradi-

cional e moderno irão se juntar na construção do etnógrafo, no desencantamento do feiticeiro.

Ao abordar, mesmo que brevemente, a trajetória de outros membros do grupo, identificamos que suas ideias fazem parte de um contexto literário específico no qual coexistem semelhanças e especificidades. Duas observações que merecem destaque. A primeira, é o destino dos membros do grupo. Embora eles tivessem se dedicado à poesia na juventude, Rossi considera que houve uma “reconversão” de suas práticas intelectuais. Alguns se tornam romancistas, com destaque para o mais famoso deles, Jorge Amado; Dias da Costa enveredou pelo mundo dos contos; e Edison Carneiro se tornou etnógrafo, uma opção bastante distinta da literária.

O segundo aspecto que reaparece neste capítulo são os efeitos do pertencimento de classe na constituição deste grupo: jovens letrados, oriundos de família com elevado capital cultural, complementado por recursos econômicos e rede de relações sociais. Rossi destaca que, provavelmente, o interesse de Carneiro pelas manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras tenha começado a se consolidar no final da década de 1920. O texto de Carneiro intitulado “Onde Judas perdeu as botas” foi considerado por Rossi como uma síntese do espírito de descoberta, um

deslocamento espacial e social que, no limite, parecia se realizar como uma tentativa do narrador de se eva-

dir do próprio mundo burguês da cidade, orgulhoso, parafítico e sem vida. (pp.147-148)

Rossi conclui este capítulo afirmando que o trabalho de cronista e jornalista engajado nos dilemas da vida social e política de Salvador treinou o olhar de Carneiro para aquela que seria sua marca intelectual: a pesquisa etnográfica. Para completar essa formação, houve outro fator marcante de sua trajetória: a adesão ao comunismo.

III. *Uma primeira versão do tema das desigualdades? A leitura comunista de Edison Carneiro da situação racial do Brasil.* O terceiro e último capítulo (que poderia ter sido desdobrado em dois) traz o argumento-chave de Gustavo Rossi, momento em que identifica o vínculo entre a formação literária, o comunismo e o interesse pelos estudos afro-brasileiros.

O capítulo preenche uma lacuna importante: o pouco reconhecimento, na obra de Edison Carneiro sobre a temática racial, que foi a politização, via o marxismo, dos estudos culturalistas nos anos 1930. Essa politização foi fundamental para a forma como Carneiro conduziu seus estudos etnográficos. Segundo Rossi, suas práticas como comunista e como intelectual interessado nos destinos da cultura afro-brasileira se articulavam entre si por conta da posição ideológica de Carneiro, que ajustava suas preocupações com o proletariado e preocupações com as “raças” oprimidas da Bahia

e do Brasil. Em síntese, sua preocupação política incluía o direito dos grupos afro-brasileiros de preservar suas “seitas”, termo usado na época. Outro aspecto revelador é a posição de mediador que Carneiro assumiria, sob duas perspectivas: mediava o povo de santo tanto com as elites baianas, quanto com os intelectuais interessados em conhecer o candomblé. Segundo Rossi, essa dupla mediação rendeu a Carneiro lucros simbólicos e prestígio como comunista e escritor combativo, gerando uma situação favorável a ampliar sua atuação como etnógrafo.

O capítulo analisa ainda a influência de Nina Rodrigues e o passo adiante que Carneiro daria em relação aos argumentos do mestre, rompendo com seus aspectos mais racistas, com base nos estudos de Lewis H. Morgan. Nina Rodrigues se opunha à repressão aos cultos afros e considerava a violência um meio ineficaz de a sociedade impor uma cultura “superior” sobre a população negra. Carneiro se apropria da defesa aos cultos afros, procurando estabelecer uma ponte entre análise cultural e materialismo histórico, ao introduzir o conceito de “desigualdade de desenvolvimento econômico”, presente na obra *A situação do negro no Brasil*, publicada em 1935. Este argumento é extremamente importante, pois desloca para os anos 1930 a preocupação com a condição social dos negros, antecedendo os achados do Projeto Unesco, na década de 1950. Reforço aqui o destaque dado por Rossi ao trabalho de

Aderbal Jurema, de 1935, *As insurreições negras no Brasil*, no qual já aparece a tensão entre raça e classe, com base no argumento marxista. Rossi coloca a obra de Edison Carneiro e os estudos sobre raça e classe daquele período num novo patamar deste campo de estudos, demonstrando a existência desta abordagem na década considerada como a de hegemonia dos estudos culturais.

O último aspecto que destaco é a inserção de Carneiro no campo de disputas acadêmicas marcadas por suas tensões com Artur Ramos e Gilberto Freyre, e seu contato com pesquisadores estrangeiros, destacando sua relação afetiva e intelectual com Ruth Landes. Essa tensão se revela na participação de Carneiro, em 1934, no 1º Congresso Afro-Brasileiro (organizado por Freyre no Recife), ainda com 22 anos de idade, na condição de especialista. Outro momento em que as tensões e disputas ganham evidência é quando Carneiro organiza o 2º Congresso Afro-brasileiro em Salvador, em 1937. Rossi demonstra que a principal tensão advinha justamente da convergência entre o etnógrafo e o político, atitude considerada pouco científica e muito ideológica. Assim, o intelectual feiticeiro passa a enfrentar as agruras da academia, que hesitava em reconhecer intelectuais menos tradicionais. Curiosamente, é o momento em que Edison migra para o Rio de Janeiro, onde construirá outra trajetória.

A leitura do livro de Gustavo Rossi é agradável, surpreendente e

permite novas interpretações sobre diversos temas já consolidados por outros estudiosos. O desencantar do feiticeiro é justamente uma forma de reavaliar a contribuição de Edison

Carneiro para um campo de estudos que continua a nos surpreender e a nos ensinar sobre a complexa dinâmica entre raça e classe no Brasil.

Márcia Lima
Universidade de São Paulo
m.lima@uol.com.br